

mundo

Gasto militar global dispara e atinge maior nível desde a Segunda Guerra

Conflitos fazem mundo investir mais que PIB nominal do Brasil com defesa em 2023, indica estudo

Igor Cielow

SÃO PAULO O gasto militar global disparou em 2023 e atingiu o maior patamar da história moderna, descontadas as duas guerras mundiais do século 20. No mesmo ano passado, os países gastaram um pouco mais do que um PIB nominal do Brasil em defesa.

A conta foi feita pelo IISS (sigla inglesa para Instituto Internacional de Estudos Estratégicos), de Londres, na divulgação nesta terça (13) de seu referencial anual sobre o estado das Forças Armadas do planeta, o "Balanço Militar".

O think tank apurou crescimento de 9% nos gastos com armas no ano passado em termos reais, chegando a US\$ 2,2 trilhões (R\$ 10,9 trilhões hoje). Em termos nominais e relativos, é o maior valor dos 65 anos da série histórica da publicação, que, como estudos similares, nunca viu tanto dinheiro desembolsado desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

Os Estados Unidos seguem incontestes como o país mais poderoso da história moderna. Em 2023, empenharam 4% do gasto militar total do planeta, seguidos pela China (12%) e a Rússia (5%).

Tudo o que os americanos despendem no setor equivale a pouco mais do que o gasto dos 14 outros países do ranking juntos.

A aliança militar comandada por Washington, a Otan, teve um aumento substancial de seus gastos, reflexo da guerra na Ucrânia, prestes a completar seu segundo ano. 8,5% do bolo total, excedendo os EUA. Em termos reais, foi uma alta de quase 40% em seus recursos com defesa, a maior do mundo, o que desatou um pouco a crítica recente feita pelo ex-presidente americano Donald Trump sobre o apetite europeu de se defender.

Por outro lado, não é algo homogêneo: a Polónia transformou-se em um grande centro de investimento militar, prometendo gastar 4% de seu PIB com defesa, enquanto a Alemanha, alvo preferencial da ameaça de Trump de

não cumprir a defesa mútua da aliança se voltar à Casa Branca em novembro, despensei 1,57%.

Outro polo notável é a Índia, que ultrapassou o Reino Unido e assumiu o quarto lugar, com 3,7% da despesa global (US\$ 256 bilhões). No caso dos rivais dos EUA na Guerra Fria, o IISS ressaltou que o gasto de Pequim e de Moscou, aplicando critérios de Paridade de Poder de Compra que levam em conta custos de produção, bem maior. Os chineses aplicaram o equivalente a US\$ 407 bilhões, não os US\$ 219,3 bilhões nominais. Os russos, US\$ 296 bilhões na prática, não US\$ 188 bilhões.

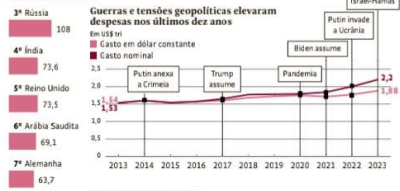
Os EUA também ficaram a fila dos países no quesito crescimento dos gastos, sendo responsáveis em valores reais por 22,2% do total. Entre as outras grandes potências, a Rússia foi quem mais investiu, refletindo a militarização de sua economia de olho em um conflito prolongado contra a Ucrânia. Foi um salto real de 18,6% em investimentos, que levou a um ganho em proporção do PIB de 4,8%.

"Hicimos rascunhos quando o que tem para investir em defesa", afirmou o diretor-geral do IISS, Bastian Giegerich. Como já fizera no ano passado, contudo, o instituto ploteou um quadro de perdas militares enormes tanto para russos quanto para ucranianos.

Segundo estimativa do IISS, Putin perdeu 3.000 tanques na guerra e hoje tem uma frota ativa de 1.750 unidades. Antes do conflito com o vizinho, Moscou tinha 3.387 desses blindados prontos para agir, mas é preciso levar em conta a perspectiva de muitas das perdas dizem respeito às quantidades mágicas de equipamento antigo em estoque que foi posto em campo.

"Claramente, eles colocaram quantidades acima da qualidade", disse o analista de perspectiva do IISS, Douglas Barry. Mas Giegerich afirma que, no ritmo atual, Moscou pode conseguir manter seu esforço de guerra neste tempo por mais dois ou três anos baseado em estoques, e

Gastos militares chegam ao ápice em 2023



Entrevista de Putin a Tucker Carlson foi peça de propaganda, mas expôs raciocínio sobre Ucrânia

OPINIÃO

Álvaro Machado Dias
Neurocientista, professor livre-docente da Unifesp e sócio do Instituto Econômico e da Medialia

A entrevista de Vladimir Putin para Tucker Carlson, no último dia 8, funcionou como uma peça de propaganda da Rússia, enquanto o Legislativo americano discute a aprovação de um novo pacote multibilionário para a Ucrânia. Carlson igualmente se deu bem, multiplicando a importância da sua rede privada de mídia e seu cacicopolítico. Percebendo isso, muitos foram rápidos na desqualificação do conteúdo. "Não acredite em nada do que Putin diz" é a fala-padrão, mostrando, mais uma vez, que o raciocínio patina na bile.

A primeira grande falha está na que a entrevista ajuda a responder: é será que a invasão da Ucrânia foi uma reação à expansão da Otan? O fim da União Soviética foi seguido de discussões sobre o tema, e, de acordo com o que certa

vez disse Mikhail Gorbachev (1991-2022), promessas (nunca formalizadas) de contenção. Após duas ondas expansionistas, a tensão extravasou quando a Otan declarou que a Ucrânia e Geórgia poderiam se juntar ao bloco (2008), ao que os russos se opuseram veementemente, alegando questões de segurança.

A expansão da aliança militar ocidental é um fator de inegável relevância nesta guerra. Putin, entretanto, declarou a primeira meia hora da entrevista ao argumento de que os russos ucranianos são um povo vassalo. Este ponto seria irrelevante se a única questão fosse a segurança de suas fronteiras. Logo, não é.

A conversa também revelou uma visão de mundo bastante simplificada. A Ucrânia de fato tem penetração neoraznista, e a primeira grande batalha foi travada em vários outros países, em traqueando o valor de fato do argumento. A única referência de Putin é dizer que, na

visita a Kiev no último mês e compartilhou sua convicção de que a Ucrânia iria ganhar (...). Ele usou contra qualquer negociação com a Rússia nos termos que dão credibilidade à falsa narrativa do Kremlin para a invasão, mas enfatizou que esta era uma decisão para o governo ucraniano".

É importante não superinterpretar o texto nem superestimar a importância do acordo de paz envolvido a supervisão externa para garantir a segurança ucraniana.

Cabe saber se foi dito a Zelenskyy que seus aliados não assumiram este papel se ele chegasse a termos com Putin, como afirmado pelo jornalista Aaron Maté, pelo negociador e ex-chanceler alemão Gerhard Schröder ("os ucranianos não concordaram com a paz pois não foram autorizados a fazê-lo") e pelo líder das negociações pelo lado ucraniano, David Arakhamia. Isso teria deixado Zelenskyy de mãos atadas, já que sem tal apoio seu país poderia ser novamente invadido. A pergunta baliza a responsabilidade moral dos países da Otan de darem suporte à Ucrânia agora e no pós-guerra.

Senado dos EUA passa ajuda a Kiev; Câmara deve barrar

SÃO PAULO O Senado dos EUA, de maioria democrata, aprovou nesta terça-feira (13) um pacote de US\$ 5,3 bilhões (R\$ 47,2 bilhões) em ajuda à Ucrânia. Taiwan e Israel (o projeto segue para a Câmara, cujo presidente, Mike Johnson, afirmou na semana que a Casa, controlada pelos republicanos, deverá rejeitá-lo).

O texto foi aprovado por 70 votos a 29 —eram necessários 60 para que o projeto avançasse à Câmara. Vinte e dois republicanos se juntaram à maioria democrata para apoiar a medida.

Há anos que o Senado não aprova um projeto de lei com um impacto tão grande, não só na mesma segurança nacional, mas na segurança dos nossos aliados, mas também na segurança da democracia ocidental", afirmou o líder da maioria no Senado, o democrata Chuck Schumer.

O presidente americano, Joe Biden, tem insistido há meses e o congresso a aprovar a ajuda.

no meio-tempo o avanço de sua produção militar tende a compensar as perdas.

Para a Ucrânia, o cenário é o de dificuldades cobertas. O IISS ressaltou os sucessos assimétricos de Kiev ao impedir a livre atuação da Frota do Mar Negro da Rússia com o uso de drones, e ataques com aviões-robôs em pontos distantes do território russo.

O país elevou em nove vezes seu gasto militar próprio, para US\$ 3,1 bilhões, entrando no top 15 pela primeira vez, em 1º lugar. O valor não inclui a ajuda externa, quase dez vezes mais que isso desde o início do conflito.

A guerra Israel-Hamas foi outro exemplo levantado pelos especialistas para enfatizar o peso da assimetria, destacando a brutal eficácia do ataque do grupo terrorista palestino de 7 de outubro passado e o risco dos ataques hostis no mar Vermelho. "Israel ainda não alcançou seus objetivos estratégicos", disse Giegerich em videoconferência, em que destacou o papel do Irã como desestabilizador regional.

Os analistas apontaram para desenvolvimentos no Indo-Pacífico, como a aliança militar entre EUA, Austrália e Reino Unido, como novo fator para uma corrida armamentista. Em 2023, o aumento real de despesas na região asiática foi de 5%.

No ranking geral, o Brasil subiu de 15º para 14º no ranking de gasto militar do mundo. Os dados do IISS são compatíveis, embora alguns diferentes daqueles aferidos em termos de execução orçamentária, e há a diferença mais importante: em 2023, 86% da despesa brasileira foi com pessoal ativo e inativo, enquanto isso não entra nas contas do padrão Otan, por exemplo.

Há, por óbvio, dificuldades metodológicas que o próprio instituto assume, como definir exatamente o gasto russo, pulverizado. Outros países estrategicamente importantes em suas regiões, como a Síria, a Coreia do Norte ou a Venezuela, não têm esses dados disponíveis.

Em termos de efetivo pelo mundo, o IISS aponta uma estabilidade em 2023 ante 2022, ainda que a Rússia e a China tenham aumentado suas Forças Armadas —Moscou para 1,3 milhão de soldados, o quinto maior número do mundo atrás de China, Índia, EUA e Coreia do Norte, e a Rússia para 1,32 milhões. Ao todo há 20,6 milhões de fardados no mundo, 367 mil deles no Brasil.